

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - BACHARELADO

MARIA GABRIELA DE PAULA SILVA

***O BÊBADO E A EQUILIBRISTA* (1979) DE ELIS REGINA:**

Analizando os significados políticos nas interpretações da canção

Uberlândia

2026

MARIA GABRIELA DE PAULA SILVA

***O BÊBADO E A EQUILIBRISTA* (1979) DE ELIS REGINA:**

Analisando os significados políticos nas interpretações da canção

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial exigido para a conclusão do curso de graduação em História – Bacharelado. Orientador: Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior.

Uberlândia

2026

Resumo: O artigo analisa a música *O bêbado e a equilibrista* (1979) de João Bosco e Aldir Blanc, na interpretação de Elis Regina, como fonte historiográfica de análise crítica do período da Ditadura militar brasileira relacionado ao movimento artístico da época. Inserido nos conhecimentos da História Cultural, o texto parte da compreensão de que as produções musicais constituem representações atreladas a significados históricos que possibilitam ao historiador interpretar experiências, práticas e sensibilidades sociais de diferentes temporalidades. A pesquisa é fundamentada em revisão bibliográfica, análise documental e comparativa de fontes musicais e audiovisuais, que incluem a letra da canção citada, a performance interpretativa de Elis Regina, o registro da apresentação de João Bosco e o livro *Elis e eu* (2019) de João Marcelo Bôscoli. O estudo da obra evidencia que a canção extrapola sua dimensão artística ao representar elementos da repressão política, da censura e da luta pela anistia, que através da interpretação de Elis, amplia a construção simbólica ao incorporar elementos cênicos, gestuais e vocais que reforçam o emocional da letra. Colocada em comparação, é observado que a recepção da música pelo público consumidor sofreu mudanças através de um processo de ressignificação dos atributos políticos presentes na obra. Conclui-se com a discussão do potencial da música como fonte histórica no formato de recurso didático para o Ensino de História, destacando sua capacidade de articular conhecimento historiográfico, sensibilidades e experiências sociais na compreensão da Ditadura militar.

Palavras – chaves: Elis Regina; *O bêbado e a equilibrista*; Ditadura militar; Música; História Cultural;

Resumen: El presente artículo analiza la canción *O bêbado e a equilibrista* (1979), de João Bosco y Aldir Blanc, en la interpretación de Elis Regina, como fuente historiográfica para el análisis crítico del período de la Dictadura Militar brasileña en relación con el movimiento artístico de la época. Enmarcado en los presupuestos de la Historia Cultural, el estudio parte de la comprensión de que las producciones musicales constituyen representaciones vinculadas a significados históricos que permiten al historiador interpretar experiencias, prácticas y sensibilidades sociales de diferentes temporalidades. La investigación se fundamenta en la revisión bibliográfica y en el análisis documental y comparativo de fuentes musicales y audiovisuales, que incluyen la letra de la canción, la interpretación de Elis Regina, el registro de la presentación de João Bosco y el libro *Elis e eu* (2019) de João Marcelo Bôscoli. El estudio demuestra que la canción trasciende su dimensión artística al representar elementos de la represión política, la censura y la lucha por la amnistía, y que, a través de la interpretación de Elis Regina, amplía su construcción simbólica al incorporar elementos escénicos, gestuales y vocales que intensifican la carga emocional de la letra. A partir de un análisis comparativo, se observa que la recepción de la obra por parte del público experimentó cambios mediante un proceso de resignificación de los atributos políticos presentes en la canción. Finalmente, se discute el potencial de la música como fuente histórica y como recurso didáctico para la enseñanza de la Historia, destacando su capacidad para articular el conocimiento historiográfico, las sensibilidades y las experiencias sociales en la comprensión de la Dictadura Militar brasileña.

Términos - clave: Elis Regina; *O bêbado e a equilibrista*; Dictadura militar; Musica; Historia Cultural;

***O bêbado e a equilibrista* de Elis Regina: analisando os significados políticos nas interpretações da canção**

Produzida sob um contexto da Ditadura Militar em que a repressão em todas as instâncias da vida social marcou a sociedade brasileira, a música *O bêbado e a equilibrista* (1979)¹ de João Bosco e Aldir Blanc, representa elementos históricos do período ditatorial ocorrido de 1964 a 1985. Elementos estes que saem da esfera causal para servir de fundamentação à narrativa da canção em consonância para com as subjetividades referentes às experiências dos autores. O primeiro lançamento foi em 1979 no álbum *Elis, essa mulher [Essa mulher]* lançado no mesmo ano com interpretações da cantora de músicas compostas por diferentes compositores, incluindo a música referência deste artigo composta por Bosco e Blanc. O álbum abriga a música - fonte como segunda faixa na sequência de 10 canções e os músicos listados na execução da obra são: Paulinho Braga (bateria), Hélio Delmiro (violão), Luizão Maia (baixo elétrico), Ary Piassarollo (guitarra), Chiquinho do Acordeon – Romeu Seibel (acordeon), Cesar Camargo Mariano (piano elétrico e arranjo), Cidinho (tamborim) e Marco Mazzola (produção)².

A abordagem deste texto enfatiza a interpretação de Elis Regina possibilitando inscrever este no campo da História Cultural a partir das considerações de Peter Burke³. Segundo o historiador, a razão do direcionamento tomado na área da História Cultural é advinda da premissa que

Alguns historiadores culturais trabalham intuitivamente, como Jacob Burckhardt declarou fazer. Poucos tentam usar métodos quantitativos. Alguns descrevem seu trabalho em termos de uma procura de significado, outros focalizam as práticas e as representações [...] O terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações. (Burke, 2021, p. 9)

A decisão de escolha dessa produção musical como fonte de pesquisa, assim como os materiais adjacentes que compõe a bibliografia sobre o assunto, partem de um ponto subjetivo

¹ BOSCO, João. BLANC, Aldir. **O bêbado e a equilibrista**. Intérprete: Elis Regina. In: *Elis, essa mulher [Essa mulher]*. Rio de Janeiro: EMI – Odeon, 1979. 1 fonograma (3min 45s).

² Créditos segundo o recurso SongDNA do Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3eVyDZXJPJzUKkyWP6eLyc?si=a065346040184f07> Acesso em: 21 maio 2026.

³ BURKE, Peter. **O que é história cultural?** / Peter Burke; tradução Sérgio Goes de Paula; [tradução das atualizações Maria Luiza X. de A. Borges]. – 3ª ed. ver. e ampl. – Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

nascido da união de duas áreas de conhecimento de afeição comum a pesquisadora – História e Música – com início no formato de projeto de pesquisa desenvolvido em disciplina *Métodos e Técnicas de Pesquisa em História (MTPH)* e que se torna um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do currículo de Bacharelado. O contato recorrente com o ensino de música e posteriormente com a história da arte durante a adolescência constituiu o cerne do interesse de pesquisa na construção da identidade de historiadora em formação.

A justificativa de escolha do tema é a junção destes fatores: a formação no ensino musical desde os primeiros anos como sujeito social, participação ativa em espaços culturais por consequência deste ensino e afeição pelo estudo do período histórico de autoritarismo do Brasil. Ressalta-se a importância da inserção da criança em meio cultural diverso visto que “[...] a socialização e infância não são fenômenos que se precipitam unicamente sobre as crianças, mas abrangem a todos na sociedade de mesma forma como estão em correlação com outros fenômenos [...]”.⁴

O que virá a ser desenvolvido neste trabalho é resultado exemplificador das experiências de uma criança atuante na sociedade como sujeito histórico produtor de conhecimentos, incluindo os conhecimentos artísticos-musicais, e de uma adulta em constante formação acadêmica e social que busca unir paixões pessoais com a ciência historiográfica para compreensão do espaço ocupado por seres múltiplos dotados de subjetividades que compõem o núcleo geral chamada “sociedade”.

Sendo assim, o uso de *O bêbado e a equilibrista* (1979) como fonte historiográfica foi pensado com a hipótese de analisar a receptividade da música em dois tempos distintos e com duas interpretações diferentes, primeiramente em seu lançamento no início do declínio do regime autoritário. Em seguida, uma versão do início dos anos 2000 que se trata de uma apresentação ao vivo de João Bosco, presente no álbum *Obrigado Gente (Ao Vivo)*⁵ de 2006 com gravação realizada nos dias 15 e 16 de fevereiro de 2006 no Auditório Ibirapuera, localizado no Parque Ibirapuera em São Paulo. Pensando na historiografia e ao fato de historiadores da cultura focarem na retratação de padrões, descrever pensamentos e vivências, interpelar as representações inscritas nas obras de arte. Seria plausível tratar como esvaziamento

⁴ GOMES, Lisandra Ogg. **Infância, participação e socialização**. Psicol. Conoc. Soc., Montevideo, v. 11, n. 1, 2021, p. 135. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-70262021000100085&lng=es&nrm=iso

⁵ BOSCO, João. **João Bosco – O Bêbado E A Equilibrista (Ao Vivo)**. 2006, Youtube, 2 out. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J07Mr2rkWT8>. Acesso em: 22 mai 2026.

ou ressignificação da música em função da temporalidade e/ou do contexto político diferente? É possível basear essa hipótese – confirmada ou não – apenas com a análise das interpretações em áudio e vídeo da obra musical tanto na década de 1970 quanto no início do milênio 2000?

Para destrinchar as pontuações e hipóteses apresentadas anteriormente com a fundamentação adequada dentro da discussão da História Cultural será seguido um princípio de Johan Huizinga, que citado no livro *O que é História Cultural?*⁶, afirma o principal objetivo do historiador cultural ao lidar com representações da cultura, experiências sociais, entre outros aspectos.⁷ Somado a bibliografia, será utilizado o livro *Elis e eu* (2019)⁸ de João Marcello Bôscoli, filho mais velho de Elis Regina, para o resgate de narrativas pessoais que possam surgir como auxílio de compreensão de como a Ditadura Militar brasileira afetava o espaço privado da intérprete Elis Regina. O vídeo de apresentação ao vivo da música *O bêbado e a equilibrista* (1979) feito por João Bosco também é somado às fontes citadas anteriormente, para se estabelecer a fundamentação que busca responder à pergunta de pesquisa deste trabalho.

Portanto, o presente trabalho será conduzido utilizando de fontes artísticas, musicais e de literatura, que também fazem parte e atuam como fonte histórica, devido ao que a Nova História Cultural salienta, em que diversidade de materiais históricos que podem ser colocados como fontes ao tratamento específico do historiador.

Ditadura Militar no Brasil: os anos finais de 1970 a 1985

Iniciada em 31 de março de 1964, a Ditadura Militar brasileira contou com bases demarcadas pelo Estado de Segurança Nacional (ESG), que assumiu o Executivo em 2 de abril de 1964, com ações políticas instauradas que detinham o poder de modo centralizado com a limitação dos poderes do Congresso Nacional e a transferência do Legislativo ao Executivo. Como objetivo principal: o combate da ameaça comunista com ideologia fundada e perpetuada através da Guerra Fria, pelos Estados Unidos, através do discurso de que os países da América Latina estariam supostamente sujeitos a ação indireta do comunismo.⁹ Fixando assim a

⁶ BURKE, Peter. **O que é história cultural?** / Peter Burke; tradução Sérgio Goes de Paula; [tradução das atualizações Maria Luiza X. de A. Borges]. – 3ª ed. ver. e ampl. – Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

⁷ *Ibid.*, p.16.

⁸ BÔSCOLI, Marcello. **Elis e eu** / João Marcello Bôscoli. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

⁹ CRESTANI, Leandro de Araújo. O surgimento do inimigo interno: Ditadura Militar no Brasil (1964 a 1985). **Revista Eletrônica História em Reflexão**, [S. l.], v. 5, n. 9, 2011. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/1157>

narrativa central que perdurou durante todo o período ditatorial brasileiro em que, “Na ideologia dos ocupantes do poder, a maior prioridade para os países subdesenvolvidos [neste caso o Brasil] é a segurança interna do país contra a ameaça comunista.”¹⁰

A lógica utilizada neste período foi de vigilância total nas áreas sociais, desde órgãos estatais até os civis que circulavam pelas ruas. Para que fosse mantido o formato do regime instaurado os agentes militares movimentaram frente a criação de aparatos governamentais que trabalhariam nessa função de regularização de civis até instituições. Um deles foi o Serviço Nacional de Informações (SNI), que detinha tanto poder de atuação quanto o Poder Executivo sendo a primeira aplicação legal da Doutrina de Segurança Nacional (DSN)¹¹, exercendo a função de censurar todo e qualquer tipo de informação contrário ao governo ou que fosse inverso às normas morais estipuladas.

Segundo Crestani (2011), o capital político é um capital simbólico firmado no reconhecimento do crédito que agentes conferem a uma pessoa ou grupo com ideais sólidos, o Exército brasileiro teve seu papel de coadministrador do Estado reconhecido desde os primórdios da República brasileira.¹² Conforme colocado por Leandro de Araújo Crestani, que datou de maneira objetiva os momentos em que o caráter político do Exército do Brasil foi referencial principal

Logo, o “capital político” adquirido pelo Exército veio de diversos episódios da história do Brasil como: Canudos (189); Contestado (1912); Tenentistas (1922 e 1924); /Coluna Prestes (1924 a 1927); Revolução de 30 (1930); Intentona Comunista (1964) entre outros. O mais importante de todos, que deu o “capital político” para o exército foi em 1964, à derrubada de João Goulart pelos militares. (Crestani, 2011, p.7)

Diante todos os aparatos criados para “combater a subversão” e o “inimigo interno” que poderiam estar enrustados no território social e político e, principalmente, nos ambientes de fomento à cultura ou de produções artístico-culturais, as medidas tomadas seguiam uma lógica

¹⁰*Ibid.*, p. 3.

¹¹A Doutrina de Segurança Nacional (DSN) foi o órgão que fundamentou o sistema de informação e repressão durante a Ditadura Militar, que embasou ideologicamente as atividades de informação e contrainformação no Brasil embora não tenha tido capacidade de fundamentar uma estrutura burocrática única, que desse conta das demandas de controle total sobre a população.

¹²*Ibid.*, p. 7.

perversa de censura para com os artistas. Os órgãos repressivos agiam da seguinte maneira, seguia-se uma norma de censura que prestava serviços de consulta dos materiais produzidos, por jornais, revistas, músicos, atores, entre outros, para garantir que não havia mensagens comunistas ou de cunho revolucionário inscritas naquilo que viria a ser divulgado a população como “propaganda subversiva”.

Os mesmos órgãos seguiam uma lógica de manipulação de materiais para levantar suspeitas sobre artistas que não obedeciam às normas, baseando-se em suposições de ligações dos indivíduos com líderes clandestinos ou militantes da oposição da Ditadura Militar. De modo simplista, “[...] a estratégia textual da produção da suspeita era sugerir ligações dos artistas com atividades culturais contestadoras, culminando em uma documentação que provasse a subversão, a ligação de artistas com os grupos de esquerda clandestina.”¹³

Não havia métodos a serem seguidos para se classificar determinada pessoa suspeita do governo federal, a tática girava entorno de informantes do regime que “recolhiam informações”, pode-se dizer “vigilância da privacidade alheia”, que poderiam se tornar uma acusação de teor grave ao ponto de conduzir os ditos suspeitos a prisão e desencadear em medidas mais alheias dos direitos humanos, a tortura e provável morte do indivíduo. “Os espaços, instituições e personalidades ligados à cultura (artes, educação, jornalismo) eram particularmente vigiados pela “comunidade”.”¹⁴

Ao tratar-se dos ofícios realizados no período também havia uma censura e vigilância constante das ações desempenhadas pelos sujeitos que poderiam vir a ser interpretadas como subversivas ao regime. Pensando que a depender da natureza do ofício em exercício possa comprometer os praticantes a participarem ou não de atos oposicionistas, “em alguns casos, trabalho e política coabitavam: na advocacia, na produção artística e cultural, no jornalismo.”¹⁵ Especificamente a música, o foco de pesquisa deste texto, possuía aspectos que em sua maioria compuseram um arcabouço de “provas de suspeito subversivo”, ou seja, muitos elementos que

¹³ CRESTANI, Leandro de Araújo. O surgimento do inimigo interno: Ditadura Militar no Brasil (1964 a 1985). *Revista Eletrônica História em Reflexão*, [S. l.], v. 5, n. 9, 2011, p. 14. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/1157>

¹⁴ NAPOLITANO, Marcos. **A MPB sob suspeita: a censura musical visto pela ótica dos serviços de vigilância política (1968-1981)**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, n. 47, 2004, p. 104. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a05v2447.pdf>

¹⁵ ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. WEISS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 339. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Almeida_MHBT_1046612_CarroZeroEPauDeArara.pdf

acompanhavam as canções e toda a produção ao redor delas eram caracterizados pelos militares como atitudes de “conspiração perpétua” afim de iniciar uma “guerra psicológica”¹⁶.

A dinâmica de censura das produções musicais funcionava da seguinte maneira: no período inicial de atuação, os serviços de informação e repressão tiveram como foco o público consumidor da Música Popular Brasileira (MPB), que se dividiam entre a plateia dos programas de música televisionados e os universitários que agitavam o movimento estudantil para resistir ao regime autoritário. Os serviços de informação que atuavam no II Exército de São Paulo chegaram a indicar os nomes de artistas que, segundo a vigilância, faziam parte de uma orientação filo-comunista com influência psicológica sobre o público juntamente a *TV Record* e a *Rádio Panamericana* da época. Entre os que foram citados, cantores e compositores, estão: Elis Regina, Gilberto Gil, Nara Leão, Chico Buarque, Edu Lobo e Geraldo Vandré; em um documento de investigação do próprio Exército conforme assinala Marcos Napolitano¹⁷. Estas informações são recolhidas pelo historiador no acesso do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) e estão presentes no artigo de apoio bibliográfico deste trabalho. Analisando os trechos do documento do II Exército de São Paulo há uma espécie de manipulação na forma de escrever a narrativa que irá apresentar o “circuito universitário”, o evento é atribuído como uma estratégia para estender o alcance dos artistas para cooptar mais jovens adultos a fazerem parte da tal organização filo-comunista.

Sobre as produções musicais, ao fazer um levantamento que contempla composição e artista, é perceptível a existência de diferentes assuntos que permeavam as letras das músicas de numerosos artistas, que retratavam os sofrimentos de grupos específicos ou das mazelas da classe artística de acordo com atuação condizente ao cenário político brasileiro. A censura, em alguns anos, atuava de forma mais rígida com proibição de festivais, e em outros as preocupações em torno da mensagem recebida pelos cidadãos brasileiros estava direcionada a outro segmento. Por exemplo, o acontecimento que envolve a música *Apesar de você* de Chico Buarque¹⁸, que foi interpretada primeiramente como um discurso romântico e amoroso sendo liberada pela análise de censura musical, logo após do sucesso nas vendas a música foi cassada e acabou por promover

¹⁶ NAPOLITANO, Marcos. **A MPB sob suspeita: a censura musical visto pela ótica dos serviços de vigilância política (1968-1981)**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, n. 47, 2004, p. 107. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a05v2447.pdf>

¹⁷ *Ibid.*, p. 110.

¹⁸ BUARQUE, Chico. **Apesar de você**. Intérprete: Chico Buarque. Compositor: Chico Buarque. In: CHICO BUARQUE. [S.l.]: Philips, 1978. 1 compacto sonoro (3min 55s).

uma piora na suspeita que já existia sob o artista, que chegou a ser categorizado como o “iceberg do mundo da subversão”¹⁹

Algumas experiências documentadas no livro *Elis e eu* (2019)²⁰ exemplificam, com detalhes da esfera íntima, como as ações do governo na época da Ditadura eram recebidas pela população, compostas por artistas, músicos e pessoas anônimas. Em *Faltava Maria*²¹, capítulo 8 do livro de João Marcelo Bôscoli sobre suas memórias ao lado da mãe, em dado momento o autor cita uma das situações mais emblemáticas envolvendo Elis Regina que aconteceu em 1976.

Minhas memórias desse tempo confundem esses momentos com a visita da Elis comigo à Rita Lee quando foi presa. [...] Sua preocupação explícita deixava claro como estava o Brasil daqueles dias. Senti-me estranho. Memórias das escutas telefônicas e cartas ameaçadoras ressurgiram. (Bôscoli, 2019, p. 100)

Esse relato apresenta ao leitor que o cenário político da segunda metade do século XX, repleto de autoritarismo, redução dos direitos humanos e cassação a personalidades da oposição, não era desconhecido nem às crianças. Mesmo sendo um indivíduo que não tinha a capacidade completa de entendimento das conjunturas que vivia, João Marcelo aos 6 anos de idade conseguia perceber o cenário em que estava inserido ao ponto de descrever em escrita suas experiências mais próximas da realidade repressiva.

No capítulo seguinte, *Tem boi na linha filho*²², o autor coloca o sentimento recorrente diante de situações de vigilância que sua família passou ao longo dos anos, certo momento é explicado que

O único ponto assustador e causador de ansiedade eram os capangas, geralmente de óculos escuros, às vezes de camburão, às vezes de Dodge, parados quase todos os dias na esquina, [...] Em determinado dia, sentado no banco traseiro, olhei pra trás e ouvi dela: “Tem boi na linha, filho”. Entendi e senti medo. (Bôscoli, 2019, p. 115)

E continua nas páginas seguintes trazendo a forma como sua mãe, Elis Regina, o explicou sobre o momento que estavam vivenciando, diz João Marcelo que “Ela explicou, de forma geral, o

¹⁹ NAPOLITANO, Marcos. **A MPB sob suspeita: a censura musical visto pela ótica dos serviços de vigilância política (1968-1981)**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, n. 47, 2004, p. 113. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a05v2447.pdf>

²⁰ BÔSCOLI, Marcello. **Elis e eu / João Marcello Bôscoli**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

²¹ *Ibid.*, n. p.

²² *Ibid.*, n. p.

momento vivido no país e ainda apresentou uma nova palavra, necessária de ser driblada a todo tempo por metáforas: a censura”²³. A obra de principal foco deste trabalho também é citada por Bôscoli que a caracteriza falando que “O ano de 1979 foi especialmente agitado. *O bêbado e a equilibrista* (1979) explodiu em nível nacional, tornando-se uma espécie de hino pela anistia, pela liberdade de expressão, por novos ares no país.”²⁴

Análise da letra de *O bêbado e a equilibrista* (1979) de João Bosco e Aldir Blanc

Neste panorama, a função da música *O bêbado e a equilibrista* (1979) lançada no final da década de 1970 está fortemente atrelada ao contexto político que esteve inserida, de um processo recém iniciado de anistia dos crimes políticos cometidos durante a Ditadura Militar. É necessário fixar a atenção nessa questão temporal de nomenclatura do período que está sendo tratado, visto que a análise feita neste trabalho ocorre 27 anos após o “nascimento”²⁵ da canção – fonte (de 1979 para 2026), o tempo do final dos anos 1970 e início dos 1980 é o que chama – se atualmente de final da Ditadura Militar ou o período de concessão da Anistia. Estes nomes não foram dados na época em que ocorreu, por exemplo, a promulgação da Lei da Anistia, ou por aqueles que vivenciaram diretamente a Ditadura Militar.

Ao pensar na experiência de um cidadão brasileiro e em sua própria percepção sobre o cenário político como um todo, se torna complicado afirmar que era de conhecimento da população que o autoritarismo brasileiro estava caminhando para um encerramento nos anos seguintes. Isso é uma visão posterior que se tem da época feita por historiadores que possuem acesso a um corpo documental que contempla todo o período ditatorial brasileiro, de 1964 a 1985, possibilitando o traçar de uma linha temporal cronológica que seleciona os indícios ao longo desse tempo segmentado.

Marcada pelo caráter de repressão política, a música de João Bosco e Aldir Blanc interpretada por Elis Regina carrega uma bagagem significativa em relação a cultura brasileira, por apresentar uma certa proximidade da sociedade brasileira que vivenciava a década de 1970 ao debate que ocorria nos ambientes políticos do Estado. Os elementos presentes na obra que serão analisados incluem referências líricas que abordam desde os eventos que ocorreram na

²³ BÔSCOLI, Marcello. *Elis e eu / João Marcello Bôscoli*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019, p. 117.

²⁴ *Ibid.*, p. 136 – 137.

²⁵ O termo “nascimento” está no sentido figurado neste trecho, significando origem ou início de um evento ou período. A escolha é devido a apropriação de uma figuração, a fim de simbolizar o caráter de disponibilização da obra musical à sociedade pública.

época até a interpretação artística dos autores. Incluindo debate sobre movimentos populares, oposição ao regime político, a jornada da Música Popular Brasileira (MPB) no final do século XX e as relações do nacional com o internacional. Falando sobre estrutura musical, em específico a composição da letra, a música é dividida em 5 estrofes com média de 6 a 7 versos cada um, a primeira estrofe se inicia com:

Caía a tarde feito um viaduto
E um bêbado trajando luto me lembrou Carlitos
A lua, tal qual a dona de um bordel
Pedia a cada estrela fria um brilho de aluguel²⁶

As referências diretas citadas ao longo da letra começam com o caso de desabamento de uma construção pública, o viaduto citado na primeira frase se trata do Viaduto Paulo Frontim localizado na cidade do Rio de Janeiro. A obra inaugurada em 1971 ligava a Zona Norte à Zona Sul do Rio de Janeiro, no cruzamento da Avenida Paulo de Frontim com a Rua Haddock Lobo, causou uma tragédia em novembro do mesmo ano devido o desabamento do viaduto de acesso ao Túnel Rebouças. Segundo a *Confederação Nacional das Seguradoras* (CNSeg) “os escombros soterraram vinte carros, um ônibus e um caminhão que estavam parados no sinal do cruzamento [...]”²⁷, e foi colocado como responsabilidade do Governo Estadual a verificação e contratação de seguro da obra, principalmente neste caso por ser uma área de grande circulação de pedestres e veículos que deveriam ser protegidos pelo Estado enquanto população e patrimônio público.

Permanecendo no período, há um personagem que dialoga com o eu lírico narrador sendo explicitado por características de assimilação: *E um bêbado trajando luto / Me lembrou Carlitos*²⁸ que está sendo o ponto inicial de referência da construção da canção como um todo. Conforme dito por João Bosco no *Programa Altas Horas (Rede Globo)*²⁹ no dia 18 de janeiro de 2025, e

²⁶ BOSCO, João. BLANC, Aldir. **O bêbado e a equilibrista**. Intérprete: Elis Regina. In: Elis, essa mulher [Essa mulher]. Rio de Janeiro: EMI – Odeon, 1979. (0min 33s – 1min 08s)

²⁷ **A queda do viaduto Paulo de Frontim**. Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg), 2024. Disponível em: https://bnweb-cedom.cnseg.org.br/bnweb/upload/pasta2/acervo18767/18767_74250.pdf

²⁸ BOSCO, João. BLANC, Aldir. **O bêbado e a equilibrista**. Intérprete: Elis Regina. In: Elis, essa mulher [Essa mulher]. Rio de Janeiro: EMI – Odeon, 1979. (0min 41s – 0min 51s)

²⁹ FERREIRA, Carolina. **João Bosco recorda com compôs “O Bêbado e a Equilibrista”** *CNN Brasil*: São Paulo, 19 jan 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/pop/musica/joao-bosco-recorda-como-compos-o-bebado-e-a-equilibrista/>

explicitado por seu parceiro Aldir Blanc em uma entrevista concedida a *Associação Brasileira de Imprensa (ABI Online)* com José Reinaldo Marques³⁰, ambos citaram o nascimento da música que, em um primeiro momento, não teve como foco temático o período político autoritário do Brasil, entretanto João Bosco buscava homenagear o ator inglês Charles Chaplin que havia falecido em 1977. Inicialmente a música foi apresentada como um samba “cuja harmonia tinha passagens melódicas parecidas com *Smile* (1954) do filme *Tempos Modernos* (1936) propositalmente construídas”³¹ como homenagem posta por João Bosco do qual Aldir Blanc havia concordado participar. A virada de foco dessa produção deu-se após um encontro de Aldir com Henrique de Souza Filho, popularmente conhecido como Henfil, e Francisco Mário de Souza, conhecido como Chico Mário, que ocasionalmente falaram no irmão Herbert de Souza que estava exilado.

[...] Só que, casualmente, encontrei o Henfil e o Chico Mário, que só falavam do mano que estava no exílio. [...] O papo com o Chico e o Henfil me deu um estalo. Cheguei em casa, liguei para o João e sugeri que criássemos um personagem chapliniano, que, no fundo, deplorasse a condição dos exilados. Não era a ideia original, mas ele não criou caso e disse: “Manda bala, o problema é seu.” (Blanc, 2007)

Promulgada em 28 de agosto de 1979 a Lei nº 6.683 orientada pelo Congresso Nacional afim de conceder anistia para aqueles que cometeram crimes políticos do período entre 02 de setembro de 1961 a 15 de agosto de 1979, popularmente chamada de Lei da Anistia.³² O impacto dessa medida legislativa na obra *O bêbado e a equilibrista*, está inserida na parte que contempla as representações no discurso lírico, os compositores e a intérprete associam a esperança, um sentimento positivo, ao retorno da liberdade social almejada pela população do final da década de 1970. A letra junto a performance de Elis Regina e os elementos visuais do cenário, que serão analisados a seguir, se unem para formar essa representação do que é uma ação burocrática desenvolvida por um órgão do Estado e se torna na canção uma narrativa sentimental que remonta ao desejo.

Logo em sequência a segunda estrofe apresenta uma interpretação da figura militar. A partir de um ponto de vista subjetivo, o trecho *O bêbado com chapéu-coco / Fazia irreverências mil / Pra noite do Brasil* possa ter se referido ao indivíduo a serviço do governo militar brasileiro

³⁰ESSINGER, Sílvio. **Aldir Blanc: conheça a história de 'O bêbado e a equilibrista', hino da anistia e um clássico da música brasileira**. O Globo: Rio de Janeiro, 4 mai 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/aldir-blanc-conheca-historia-de-bebado-a-equilibrista-hino-da-anistia-um-classico-da-musica-brasileira-24376127>

³¹MARQUES, José Reinaldo. **Entrevista – Aldir Blanc**. Associação Brasileira de Imprensa (ABI Online): Rio de Janeiro, 14 nov 2007. Disponível em: <https://www.abi.org.br/entrevista-aldir-blanc/>

³² BRASIL. **Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979**. Concede anistia e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [1979]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm

vigente na época ou, considerando uma abordagem lírica, ao povo brasileiro perante a própria sociedade condicionada ao regime:

E nuvens
Lá no mata-borrão do céu
Chupavam manchas torturadas
Que sufoco louco!
O bêbado com chapéu-coco
Fazia irreverências mil
Pra noite do Brasil³³

Continuando com a visão lírica, o “bêbado” está como uma figura que não detém de sua consciência total devido ao abuso de substâncias, sendo associado ao brasileiro que cambaleava entre incertezas cotidianas que a Ditadura Militar possibilitava. O sujeito que experienciou esse regime esteve durante anos na posição de respeito forçado ao país, que exerceu como espécie de lei que o Estado, na época, não deveria sofrer quaisquer tipos de indagações por parte dos cidadãos. Por isso, a figura do “bêbado com chapéu-coco” que “Fazia irreverências mil” através de análise é relacionada ao cidadão, que devia respeito máximo ao governo da Ditadura Militar.

Em sequência, se inicia a terceira estrofe:

Meu Brasil que sonha
Com a volta do irmão do Henfil
Com tanta gente que partiu
Num rabo de foguete
Chora A nossa Pátria mãe gentil
Choram Marias e Clarisses
No solo do Brasil³⁴

Com uma descrição lúdica da forma que o Regime era recebido por grupos sociais específicos e com a citação de Betinho, Herbert José de Sousa irmão de Henfil, que foi sociólogo e ativista de direitos humanos e esteve presente como militante em Belo Horizonte desde sua adolescência. Durante o regime militar de 1964 ele foi exilado e morou em alguns países como o Chile onde passou por um segundo golpe militar, sabe-se segundo relato de Daniel de Souza, filho de Hebert José de Souza, que esse processo de exílio é repleto de “perdas e ganhos”.

Ao tratar dos destinos que foram designados, Daniel esteve com sua mãe e separado de seu pai na maioria do tempo, e comenta em relatos que a constância se torna parte do cotidiano onde você chega a um local e começa a construir uma noção de casa com relações de amizade,

³³ BOSCO, João. BLANC, Aldir. **O bêbado e a equilibrista**. Intérprete: Elis Regina. In: Elis, essa mulher [Essa mulher]. Rio de Janeiro: EMI – Odeon, 1979. (1min 11s – 1min 44s)

³⁴ *Ibid*, (1min 45s – 2min 20s)

aprende o idioma daquele lugar mas logo precisa se mudar.³⁵ Essa é a visão de uma criança que vivenciou o regime militar brasileiro e chileno na posição de exilado, em que a certeza que se tinha era de que independente do lugar que se habitava, a permanência era provisória e acompanhada pela noção de que o momento seria findado apenas com a volta permitida ao Brasil.

Betinho pôde voltar ao Brasil no final da década de 1970, sendo recebido com uma canção que o citava como personalidade da resistência brasileira atingida pelo autoritarismo e ao mesmo tempo acompanhou o sucesso da obra que foi “hino da anistia” do período autoritário militar.³⁶ Segundo Aldir Blanc em entrevista a *Associação Brasileira de Imprensa (ABI Online)*, o seu contato com Betinho se deu após um show realizado no Canecão no Rio de Janeiro, o encontro com o compositor da obra pelo homem que havia voltado ao seu país pós-exílio marcou o início da amizade, conforme dito em entrevista

Ele retornou ao Brasil, depois da Lei da Anistia, e foi assistir a um *show* no Canecão (Rio). A gente se cruzou numa ida ao banheiro. Ele olhou para mim e falou, sorrindo: “É você, não é? Eu pretendia terminar os meus dias lá fora e voltei por causa dessa música, seu f.d.p.” E assim essa amizade se solidificou, a ponto de nos transformarmos, Betinho, Henfil, Chico Mário e eu, quatro irmãos. (BLANC, 2007)

A reação popular sobre o exílio, assim como as demais práticas inconstitucionais exercidas no período, também recebeu o destaque que possibilita a discussão sobre a receptividade da ditadura por um grupo social que consumia a Música Popular Brasileira (MPB). Aqueles que eram ouvintes e consumiam a produção de discos como *Elis, essa mulher* [*Essa mulher*] possuíam interesse em áreas que eram ditas contrárias as indicações de moralidade e bons costumes propostos pelo governo, sendo assim as preferências eram

[...] jazz, Nara Leão e Chico Buarque. Também gostavam de futebol e achavam que aquela seleção, de Pelé, Tostão, Gérson e Rivelino, merecia ganhar todas as Copas em todos os tempos. Acontece que esses antitorcedores tinham igualmente outra coisa em comum: aninhados no confortável regaço da categoria que, talvez à falta de melhor, se convencionou chamar classe média intelectualizada, abominavam o golpe militar que seis anos antes havia deposto um presidente e amputado as liberdades democráticas da Constituição de 1946, vindo a implantar, lenta, gradual e seguramente, a ditadura que alcançaria a plenitude ano e meio antes da Copa, com a promulgação do Ato Institucional nº 5, o AI-5. (WEIS e ALMEIDA, 1998, p. 321)

³⁵Depoimento de Daniel Carvalho de Souza concedido ao projeto Marcas da memória: história oral da Anistia no Brasil. Comissão de Anistia (Brasil). **Marcas da memória: história da anistia no Brasil** / Organizadores: Antonio T. Montenegro, Carla S. Rodeghero, Maria Paula Araújo. – Recife: Ed. Universitária de UFPE, 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/comissao-de-anistia/anexos/historia-oral-miolo.pdf>

³⁶**Betinho.** Memórias da Ditadura: São Paulo. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/betinho/>

O personagem lírico que narra a canção inicia a 4ª estrofe com uma fala que denota a percepção de conformidade ao mesmo tempo que carrega um pesar de negação perante a realidade descrita, isso é somado a positividade citada no final da estrofe. Nesse momento é apresentado pela 1ª vez ao público, ouvinte ou leitor, a “equilibrista” citada no título, que é justamente a representação lírica do sentimento de esperança que paira no imaginário social da época, retratado pelo autor.

Mas sei que uma dor assim pungente
Não há de ser inutilmente
A esperança dança
Na corda bamba de sombrinha
E em cada passo dessa linha
Pode se machucar³⁷

O trecho retrata o caráter sentimental que é decomposto ao longo da letra com dois elementos principais: inicia com a “dor” sendo o sentimento que atribui negatividade; e a “esperança”, que encerra a estrofe como o sentimento descrito que traz positividade a narrativa. Formando um paralelo de extremos que se encaixam ao cenário retratado pela canção do período vigente, o Regime Militar tinha como princípio manter uma imagem pública de construção benéfica da sociedade brasileira, com uso de propagandas políticas que apresentassem as benfeitorias realizadas pelo Estado, por exemplo, como uma forma de promoção do governo. Um exemplo dessa autopromoção é o discurso do “Milagre econômico” disseminado em revistas de circulação nacional³⁸ para forçar a noção otimista sobre a ideia de nação que circulava no imaginário do cidadão brasileiro.

A ação de propagandas publicitárias atuou como um fenômeno que esteve atrelado a onda nacionalista do regime autoritário que ligou o crescimento dos índices de urbanização, o fortalecimento dos setores secundário e terciário, entre outros fatores relacionados a economia, com uma falsa ideia de progresso nacional.³⁹ Essas colocações foram consideradas em virtude de uma adesão eventual de um projeto formulado nacionalmente para as classes médias da sociedade brasileira, de acordo com a pesquisa desenvolvida por Luis Fernando Cerri.⁴⁰

³⁷BOSCO, João. BLANC, Aldir. **O bêbado e a equilibrista**. Intérprete: Elis Regina. In: Elis, essa mulher [Essa mulher]. Rio de Janeiro: EMI – Odeon, 1979. (2min 22s – 2min 57s)

³⁸ CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e Nação na Propaganda do “Milagre Econômico”**. Revista Brasileira de História: São Paulo, v. 22, n. 43, 2002, pp. 195 – 224. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/qbC8MGQQ6rW8Q8ZWJXp45Nw/?format=pdf&lang=pt>

³⁹ *Ibid.*, p. 200.

⁴⁰ Segundo um estudo de Luis Fernando Cerri as revistas *Cruzeiro, Fatos e Fotos, Manchete, Veja e Visão*, compuseram um corpo documental de peças publicitárias que exemplificam e fundamentam a afirmação do uso de propagandas como autopromoção do Estado autoritário brasileiro desde a década de 1960. CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e Nação na Propaganda do “Milagre Econômico”**. Revista Brasileira de História:

Tratando de forma objetiva, o dito “Milagre econômico” foi uma junção de investimentos internacionais nos atributos monetários do Brasil de 1964 a 1973, conta-se a entrada do capital americano que buscava aplicações mais rentáveis justamente em países convenientes à política norte-americana.⁴¹ O resultado desse crescimento não esteve ou sequer foi aproveitado pela sociedade brasileira, a população de baixa renda não chegou perto de ser favorecida por nesse cenário, e toda a movimentação econômica esteve sempre nos caminhos de promover o crescimento dos Estados Unidos.

As orações, *Mas sei que uma dor assim pungente / Não há de ser inutilmente e E em cada passo dessa linha / Pode se machucar* trazem a sensação de angústia, e talvez temor, do personagem narrador composto por João Bosco e Aldir Blanc que estava inserido nesse panorama político descrito acima. Conforme dito anteriormente, há a descrição de sensações positivas que denotam uma visão além da realidade fechada propiciada pela Ditadura Militar, a mesma frase que inicia a 4ª estrofe e a conseguinte a ela vão apresentar esse sentimento de alívio ao receptor. Ao citar a “esperança” que permeia pelo espaço social da canção os autores elucidam a crença subjetiva e pessoal na melhoria das conjunturas em que vivem enquanto sociedade dividindo os pesares junto a outros indivíduos.

O encerramento da música reafirma com um discurso lírico a confiança no desenvolvimento da sociedade brasileira que lutava pelo fim da Ditadura Militar, junto a todos os crimes cometidos pelo Estado e os direitos revogados dos cidadãos do território nacional. Com uma bagagem subjetiva, com personagens inspirados, experiências sociais e eventos reais do cotidiano brasileiro, os autores construíram além de uma simples canção categorizada dentro da MPB. Sendo o produto artístico final um relato que une diferentes experiências, referenciais que fogem do escopo local geográfico, a capacidade de transcrever sensibilidades complexas e retratar um período sensível a diversos grupos sociais do Brasil.

Azar
A esperança equilibrista
Sabe que o show de todo artista
Tem que continuar⁴²

São Paulo, v. 22, n. 43, 2002, pp. 195 – 224. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/qbC8MGQQ6rW8Q8ZWJXp45Nw/?format=pdf&lang=pt>

⁴¹ HERMANN, Jennifer. **Reformar, Endividamento Externo e o “Milagre” Econômico** (1964 – 1973). In: GREMAUD, Amaury Patrick. VASCONCELOS, Marco Antonio Sandoval de. TONETO JUNIOR, Rudinei. **Economia brasileira contemporânea**. São Paulo: Atlas. Disponível em: <https://home.ufam.edu.br/salomao/Economia%20Brasileira/Texto%203a.pdf>

⁴²BOSCO, João. BLANC, Aldir. **O bêbado e a equilibrista**. Intérprete: Elis Regina. In: Elis, essa mulher [Essa mulher]. Rio de Janeiro: EMI – Odeon, 1979. (2min 58s – 3min 16s)

Em meio a esses aspectos, há o discurso histórico que engloba toda a narrativa desde a experiência pessoal até a representação do que era compreendido sobre o cenário político da década de 1970. Encerrar a música com essa construção é algo que “amarra” e afirma toda a análise feita até o presente momento neste texto, que se complementa com a interpretação de Elis Regina que é capaz de alinhar todo o conteúdo da letra a carga subjetiva e emocional que eleva a densidade de significado da canção. A interpretação da cantora será analisada a seguir a partir do clipe de lançamento da música no *Fantástico* (ano), considerando o cenário visual, a postura, os pontos mais chamativos da performance e a interação da cantora com esta obra musical.

A explicação que fundamenta a utilização de uma análise musical como ponto principal desse trabalho está ancorada na Tese de Doutorado de Maria Flávia Silveira Barbosa⁴³, onde a autora articula com diversos autores da bibliografia sobre “música é linguagem”. Recorrendo a uma bibliografia que auxilia no desenvolvimento do presente trabalho, foi encontrado o texto da professora Sílvia Cordeiro Nassif Schroeder⁴⁴ que apresenta um raciocínio que contempla as questões colocadas por Barbosa (2009), com a noção de sintaxe⁴⁵ é possível compreender a relação da música com a linguagem que tem função de transmitir uma mensagem. Ao ponto de ser aplicável esse raciocínio na análise da obra *O bêbado e a equilibrista* (1979) enquanto um material que reflete o período em que foi produzido.

Partindo do texto de Barbosa⁴⁶ é entendido que a música não possui um vocabulário fechado, com um significado único dentro do contexto, ou seja, “as unidades musicais mínimas – as “células musicais” – não possuem um sentido “fixo que possa ser retomado, independentemente de um contexto no qual estejam inseridas.”⁴⁷ Dentro da estrutura musical algumas classificações de palavras atuam como independentes, elas podem estar atribuídas a um significado em um obra musical não relacionado ao seu significado dicionarizado. A

⁴³ BARBOSA, M. F. S. **Percepção musical como compreensão da obra musical: contribuições a partir da perspectiva histórico-cultural**. 164p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Pulo, 2009.

⁴⁴ SCHROEDER, Sílvia Cordeiro N. **Reflexões sobre o conceito de musicalidade: em busca de novas perspectivas teóricas para a educação musical**. 2005. 225 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1600605>.

⁴⁵ Sintaxe é definida por Schroeder como regras combinatórias que permitam a existência de unidades menores, palavras ou frases, que originem unidades maiores, as orações por exemplo. Ela apresenta duas condições necessárias para que se entenda a sintaxe, sendo elas a descontinuidade que é a possibilidade de decompor as unidades em “pedaços” básicos; e a hierarquia atribuída às unidades. *Ibid.*, p. 125.

⁴⁶ BARBOSA, M. F. S. **Percepção musical como compreensão da obra musical: contribuições a partir da perspectiva histórico-cultural**. 164p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Pulo, 2009.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 61 – 62.

linguagem verbal possui essa estabilidade nas significações das palavras que pode se modificar a depender do contexto, mas mantém uma unidade de sentido, conforme dito por Barbosa⁴⁸.

Análise do clipe de *O bêbado e a equilibrista* (1979) lançado no *Fantástico* (Rede Globo)

O clipe de *O bêbado e a equilibrista*⁴⁹ com duração de [3:07] foi lançado no programa televisionado pela *Rede Globo* chamado *Fantástico* provavelmente em janeiro de 1982, e começa com Elis Regina vestida como o personagem de Charles Chaplin, portando uma feição branda a ser interpretada como tristeza, em referência direta ao início da letra que aponta um sujeito “bêbado trajando lutando”. Seguindo já com a melodia ressoando no vídeo, se inicia a letra da música acompanhada da imagem centralizada da locação principal, o clipe é filmado em duas ambientações que fazem parte do mesmo local, contando com Elis posicionada no centro do espaço que se configura como uma armação de circo, mostrado na figura 1. É possível visualizar a lona listrada característica desses espaços, com os assentos que circulam o palco junto à estrutura de iluminação disposta em conjunto a corda bamba, ambas estão posicionadas acima da cantora.



Figura 1: Captura de tela do vídeo clipe de *O bêbado e a equilibrista* (Rede Globo, 1979)

⁴⁸BARBOSA, M. F. S. **Percepção musical como compreensão da obra musical: contribuições a partir da perspectiva histórico-cultural**. 164p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Pulo, 2009, p. 61.

⁴⁹MUSICALIDADE. **Elis Regina – O Bêbado e a Equilibrista (Ao Vivo Fantástico 1982)**. *YouTube*, 8 nov 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iSDFEz2rWHg>

Neste cenário dois elementos se destacam, sendo eles a estrutura onde se organiza a corda bamba e um holofote que propaga um feixe de luz forte em direção a visão central onde se localizam a câmera e a cantora. Sobre a postura de Elis Regina, o contato visual é mantido em foco com a câmera, e consequentemente com o público que assiste, durante todo o desenrolar do clipe, exceto por alguns momentos em que se tem o foco no alto do espaço, com braços abertos e olhar que acompanha o movimento gestual de seu corpo.

Partindo de olhar leigo sobre técnicas cinematográficas e/ou fotográficas, o formato da gravação é simples de ser compreendido em razão, justamente, da simplicidade dos enquadramentos. Ou seja, a forma como foi escolhido registrar o cenário e a cantora que interpreta a canção *O bêbado e a equilibrista* (1979)⁵⁰ não se dá por enquadramentos “complicados”, com recortes ou posições de câmera que possa dificultar a recepção visual do clipe. O desenvolvimento das imagens segue um “formato circular”, pensando em forma e movimento, porque a captação foi feita ao redor de Elis e o tempo todo a pessoa que está gravando fica girando em seu entorno e gradativamente a velocidade dos giros aumentam.

A postura de Elis Regina no início da música é de certa minimização dos movimentos corporais e uma feição tranquilizada quase de forma espontânea, conforme explicado por Ribeiro e Borém (2016, p. 2). Isso se caracteriza como uma “performance quase espontânea” que é quando há um planejamento cênico e coreográfico por parte da equipe cenográfica responsável em conjunto a interpretação livre do artista, com improvisações ou variação de elementos visuais e sonoros ao longo da representação gravada.⁵¹ Desde os primeiros segundos é possível resgatar ações que possam ser analisadas em conjunto com a música, que se complementam no decorrer da performance de interpretação de Elis Regina, tornando a indissociável o trabalho desempenhado pela intérprete da obra escrita por João Bosco e Aldir Blanc.

Sendo assim, alguns momentos específicos do clipe foram selecionados e passaram por uma análise semelhante ao que foi desenvolvido pelos músicos Alfredo Ribeiro e Fausto Borém⁵² com outras obras da cantora, entretanto o foco neste caso será o que a performance em vídeo de *O bêbado e a equilibrista* (1979) acrescenta ou reforça no discurso político da letra.

⁵⁰MUSICALIDADE. **Elis Regina – O Bêbado e a Equilibrista (Ao Vivo Fantástico 1982)**. *YouTube*, 8 nov 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iSDFEz2rWHg>

⁵¹RIBEIRO, Alfredo. BORÉM, Fausto. **O corpo e a voz indissociável em três performances de Elis Regina**. XXVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música: Belo Horizonte, 2016, p. 2 – 3. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2016/4307/public/4307-14374-1-PB.pdf

⁵²*Ibid.* p. 3 – 7.

Conforme explicitado em texto produzido pelos estudiosos citados acima, a dedicação da figura de destaque deste trabalho é reconhecida como um impacto direto sobre a produção artística⁵³, de forma que “o gestual na performance de Elis Regina não exerce só a função cênica, como também auxilia na execução musical.”⁵⁴

No começo, especificamente no período presente na 2ª estrofe, na minutagem [0:43] Elis adota uma postura com abertura do tórax onde os braços acompanham o movimento, unindo o que é cantado pela própria em *E nuvens / La no mata-borrão do céu*, conforme mostrado na figura 2. Já trazendo um contraponto com os gestos empenhados no início do clipe e que constroem a forma cênica que será adotada no seguimento, visualizada novamente no minuto [1:13] entoado por *Meu Brasil que sonha [...]* enquanto a posição de Elis traz uma referência a individualidade de Elis colocada como participante ativa desse país que deseja o que é dito na letra. Ao trazer suas mãos em direção ao centro do peito a cantora representa fisicamente a ideia de que o sentimento de desejo que está sendo cantado é algo comum a ela, conforme demonstrado na figura 3.



Figura 2: Captura de tela do vídeo clipe de *O bêbado e a equilibrista* (Rede Globo, 1979)

⁵³ RIBEIRO, Alfredo. BORÉM, Fausto. **O corpo e a voz indissociável em três performances de Elis Regina.** XXVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música: Belo Horizonte, 2016, p. 8. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2016/4307/public/4307-14374-1-PB.pdf

⁵⁴ *Ibid*, p. 8.



Figura 3: Captura de tela do vídeo clipe de O bêbado e a equilibrista (Rede Globo, 1979)

Seguindo com uma percepção pessoal da minutagem [1:28], o entendimento da expressão facial neste momento foi de uma irritabilidade demonstrada de forma exagerada, conforme a figura 4, essa foi a conclusão obtida a partir da possibilidade de visualização do clipe que está disponível em baixa qualidade de imagem. Por isso a percepção desse trecho pode ser compreendida de diferentes formas a depender do sujeito que o assiste e como é recebido através da leitura de imagem.



Figura 4: Captura de tela do vídeo clipe de O bêbado e a equilibrista (Rede Globo, 1979)

No trecho da minutagem de [1:40] a [1:51] a veemência que Elis utiliza para concordar com o que está sendo dito aponta uma empatia, visto que o trecho descreve *Choram Marias e Clarisses / No solo do Brasil / Mas sei que uma dor assim pungente*⁵⁵. Por ser uma sequência movimentada a imagem não estará documentada no corpo textual deste trabalho, estando referenciado estritamente apenas às notas de rodapé apenas. O mesmo trecho nos segundos seguintes [1:53] apresenta outra percepção pessoal que também se explica pela dificultosa visibilidade da imagem, a posição das mãos e braços postos à frente do tronco de Elis denotam uma súplica, no que pode ser percebida e compreendido. Novamente, essa análise em específico é sujeita a mudança de percepção a depender do olhar do sujeito dotado de subjetividades e entendimentos singulares, que possam ou não ser semelhantes a visão de outra pessoa.

Na minutagem [1:57] há uma clara negação, realizada com os braços frente ao corpo, que está em concordância com trecho cantado, *Mas sei que uma dor assim pungente / Não há de ser inutilmente*, conforme as figuras 5 e 6. Encaminhando para o encerramento da canção, no minuto [2:02] a cantora se direciona para o alto, tronco, braços, cabeça e olhar sobretudo, se voltam em uma reverência ao alto, que no espaço onde ocorre a gravação estão os holofotes que causam grandes feixes de luz iminentes na imagem captada, e a corda bamba. Todo o cenário compõe a narrativa significativa de que haveria em breve, naquela época, tempos de melhor proveito aos cidadãos brasileiros, assim como é posto em *A esperança dança / Na corda bamba de sombrinha*, conforme figura 7.



Figuras 5 e 6: Captura de tela do vídeo clipe de *O bêbado e a equilibrista* (Rede Globo, 1979)

⁵⁵ MUSICALIDADE. Elis Regina – *O Bêbado e a Equilibrista (Ao Vivo Fantástico 1982)*. YouTube, 8 nov 2022. (1min 40s – 1min 51s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iSDFEz2rWHg>



Figura 7: Captura de tela do vídeo clipe de O bêbado e a equilibrista (Rede Globo, 1979)

A música se encerra com Elis Regina voltando seu foco para a câmera que a acompanha, nos [3:33] o olhar da intérprete está no foco do telespectador como se a mensagem fosse direcionada de modo individual aqueles que assistem ao vídeo clipe, finalizando a canção com a mensagem *A esperança equilibrista / Sabe que o show de todo artista / Tem que continuar*. E assim, o clipe se encerra de fato com a tomada semelhante a que iniciou todo o material visual descrito, Elis Regina vestida como o personagem de Charles Chaplin com a postura recolhida em cima da estrutura onde se mantém a corda bamba do ambiente circense, mostrado na figura 8.



Figura 8: Captura de tela do vídeo clipe de O bêbado e a equilibrista (Rede Globo, 1979)

Análise da interpretação de *O bêbado e a equilibrista* por João Bosco (2006)

O princípio de estabelecer 3 análises sobre a mesma obra musical se dá pelo fato de haver um objetivo a ser cumprido onde se é necessário estabelecer um método comparativo entre as fontes, que neste caso serão sujeitos o clipe da performance de Elis Regina, descrito acima, e a apresentação de João Bosco que ocorreu em 2006.

A apresentação de João Bosco é parte do show ao vivo de gravação do álbum *Obrigado Gente* que ocorreu em 2006 em São Paulo, o clipe de *O bêbado e a equilibrista* tem duração de [4:01] que demonstra maior simplicidade enquanto apresentação da performance do compositor. O início do clipe é focado no cantor que está dedilhando no violão uma introdução modificada da versão original da música, o enfoque da gravação mostra o cenário único que é o palco onde está sentado Bosco portando o violão no colo e microfone a frente do rosto. Esta cena é o principal foco cinematográfico que será mantido por todo o vídeo, em momentos dividindo espaço com o vislumbre da plateia que é mostrado aos [0:59] com a ampliação da filmagem para que contemple o artista e o público.

Em dado momento, com exatidão em [1:17], Bosco percebe que a plateia está acompanhando cantando a música e no mesmo momento interrompe sua cantoria, mas continua tocando enquanto assiste com admiração às pessoas a sua frente. Desde então, o artista deixa de cantar e a apresentação é levada em conjunto, com os músicos que estão na percussão e na viola, o próprio João Bosco fazendo a melodia base no violão e o público que canta a letra com suavidade em uníssono. O que seria esperado é que o cantor assumisse a letra novamente e seguiria com o apoio vocal dos que estavam na posição de telespectadores no momento, entretanto o que acontece é contrário a essa perspectiva no andamento música quem toma a posição de acompanhar é João Bosco que segue seu público sem de fato haver uma participação vocal sua.

O que foi compreendido ao analisar a dinâmica da apresentação é a receptividade do público consumidor à música, que se mostra mais “leve” colocando em relação a carga emocional da música no período de lançamento. Diante todo o panorama desenvolvido ao longo desse trabalho analisar uma plateia cantar *O bêbado e a equilibrista* (1979) com sorrisos e alguns aplausos que acompanham a percussão, é notório que o significado que está no imaginário social desta época é voltado sobretudo ao sentimento de esperança descrito na canção. Apenas um momento contempla uma expressão que possa ser associada a sentimentos

negativos, ao focar em uma tomada fechada em [3:14] de uma mulher emocionada e chorando, onde também é possível estabelecer uma relação de nostalgia com o discurso.

Por isso, a conclusão diante da análise dos materiais que mais se aproxima de responder a hipótese inicial, é de que não houve mudança total ou continuidade dos significados que foram associados a música em 1979, a movimentação que ocorreu é a ressignificação dos sentidos de acordo com a realidade vivida no início do século XXI. A mudança do cenário político brasileiro influenciou diretamente na mudança da sociedade e consequentemente com o que os indivíduos se identificam ao consumirem uma obra artística como músicas, por exemplo.

Ensino de História e produção artístico – musical

Diante da análise desenvolvida no corpo deste texto envolvendo as interpretações, a performance e a letra da música, surge a indagação da viabilidade de incluir essa discussão historiográfica na área do Ensino de História, objetivamente dentro da sala de aula da educação básica. Considerando a interpretação de Elis Regina, quais os possíveis usos da obra *O bêbado e a equilibrista* (1979) de João Bosco e Aldir Blanc no contexto escolar brasileiro?

A utilização de recursos como a música, os cliques musicais ou apresentações no planejamento de execução de aulas na disciplina História é fundamental para diversificar o ensino de crianças e adolescentes, com o intuito de apresentar um modo de aprender além do modelo tradicional baseada na metodologia positivista⁵⁶. Rosana de Menezes Santos⁵⁷ (2014) afirma em publicação que “a linguagem musical individualiza – se como uma fonte que surge como um leque de oportunidades para o pesquisador [...]”⁵⁸, que pode ser encaixado em possibilidades de uso que ultrapassam a posição de fonte histórica.

Atualmente as linguagens presentes no ensino, o espaço de produção do saber e a função de professores e professoras se atualizam gradativamente devido as mudanças sociais que ocorrem a cada dia, propiciando uma interação aproximada dos alunos com temáticas da História através de materiais que não foram pensados exatamente para o ambiente educacional.

⁵⁶ O Modelo positivista ou positivismo é o modelo proposto por Auguste Comte no século XIX cujo fundamento é trabalhar com os pressupostos de que a sociedade é regida por leis invariáveis ao ser humano, assim como as leis das ciências exatas e naturais. A concepção positivista afirma que a ciência social, inclui-se a História, deve seguir sem vínculos as classes sociais, posicionamentos políticos e visões de mundo. AMORIM, Gusmão Freitas. **O positivismo, a educação e a história ensinada**. Aracaju: Educon, v. 10, n. 01, set 2016. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/8969/30/O_positivismo_a_educacao_e_a_historia_ensinada.pdf

⁵⁷ SANTOS, Rosana Menezes. O uso da música na prática de ensino de história. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - SERGIPE**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/1687>

⁵⁸ *Ibid.*, p. 163.

A música enquanto recurso didático apresenta e enfatiza assuntos relacionados a sociedade com o princípio de buscar na arte o prazer de ensinar e aprender, o conhecimento que é refletido junto a sensações se torna mais interessante ao olhar do estudante.⁵⁹ Justamente a proposta colocada por Bosco e Blanc na composição da canção analisada, a união da experiência vivida na Ditadura Militar com a representação lírica carregada de sentimentalismo pôde exemplificar a realidade do Brasil de 1964 a 1985.

Retomando a análise do clipe de *O bêbado e a equilibrista* (1979)⁶⁰ do *Fantástico (Globo)* a metodologia seguiu nas considerações de tudo que pode ser percebido ao longo do vídeo de [3:07], então a postura corporal e expressões faciais da cantora foram analisadas, o cenário da locação onde foi gravado também foi levado em consideração assim com toda a letra relacionada conjuntamente a gravação. “O que se pode inferir é que o entendimento e a exploração mais precisos da canção popular em sala de aula situam-se na união, na combinação indivisa da música com a palavra.”⁶¹ Essa é a premissa que será colocada como possibilidade de desenvolvimento em sala de aula no conteúdo da Ditadura Militar, que está previsto no currículo nacional⁶² na unidade temática *Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946*.

A proposta é a elaboração de um plano de ensino que coloca a Música Popular Brasileira (MPB) como movimento de resistência à Ditadura Militar, com o intuito de ser debatido dentro da sala de aula no 9º ano do ensino fundamental. Contando com a contextualização do período abordado de modo expositivo – dialogado prezando pela construção de pensamento crítico diante ao conteúdo estudado. E o desenvolvimento de atividade coletiva focada na análise do clipe *O bêbado e a equilibrista* (1979) considerando os aspectos abordados neste artigo. A seguir está o plano de aula conforme o modelo de referência do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), que contempla uma aplicação simplista da discussão realizada ao longo deste texto, seguido pelo anexo do material didático produzido como recurso de apoio a professoras(es) e estudantes:

⁵⁹ SANTOS, Rosana Menezes. O uso da música na prática de ensino de história. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - SERGIPE**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2014, p. 164. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/1687>

⁶⁰ MUSICALIDADE. **Elis Regina – O Bêbado e a Equilibrista (Ao Vivo Fantástico 1982)**. *YouTube*, 8 nov 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iSDFEz2rWHg>

⁶¹ DAVID, Maria Célia. **Música e ensino de história: uma proposta**. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/46189/1/01d21t06.pdf>

⁶² BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

Plano de aula – 9º ano (Ensino fundamental II)

Plano de Aula

Escola:	Escola Estadual Doutor Duarte Pimentel de Ulhôa		
Curso:	Licenciatura em História		
Ano/série:	9� ano	Nível:	Ensino Fundamental II

Data da aula:	Tempo estimado da aula:
	2 horários (2 hr /aula)
Semestre de realiza��:	
2026 - 2	

Tema
Ditadura militar no Brasil: a Música Popular Brasileira (MPB) como movimento de resistência ao autoritarismo na década de 1970

Unidade temática prevista pela BNCC:
Moderniza��, ditadura civil-militar e redemocratiza��: o Brasil após 1946
Objeto(s) de conhecimento previsto(s) pela BNCC:
Os anos 1960: revolu�� cultural? A ditadura civil-militar e os processos de resistência
Conhecimentos prévios necessários:
Totalitarismos e conflitos mundiais e Ditadura militar (1964 – 1985)

Objetivos	
Objetivo geral:	Compreender a relação do cenário político brasileiro de 1970 com a movimentação artística da Música Popular Brasileira (MPB)
Objetivos específicos:	Identificar as ações de censura e repressão aplicados à comunidade artística musical; Compreender de modo crítico o contexto político do Brasil no final da década de 1970; Analisar a obra <i>O bêbado e a equilibrista</i> (1979) no formato audiovisual para compreensão das produções do período; Produzir e apresentar coletivamente um material final que contemple o conteúdo estudado;

Habilidades previstas na BNCC:
(EF09HI19) Identificar e compreender o processo que resultou na ditadura civil-militar no Brasil e discutir a emergência de questões relacionadas à memória e à justiça sobre os casos de violação dos direitos humanos. (EF09HI20) Discutir os processos de resistência e as propostas de reorganização da sociedade brasileira durante a ditadura civil-militar

Metodologia
Desenvolvimento realizado em 2 horários de aula diluídos ao longo da semana (2hr/aula). Aula 1: Músicos da MPB e movimentos de resistência - Organização da sala e saudação inicial à turma (5 min) - Introdução sobre os movimentos artísticos durante a Ditadura Militar, com foco na Elis Regina abordando sua carreira musical, as interpretações mais conhecidas, situações de manifestação política. (15/20 min)

- Apresentação do clipe da música *O bêbado e a equilibrista* (1979) para relacionar ao assunto, seguindo com a análise do clipe considerando os componentes comportamentais e visuais para preparação da atividade avaliativa a ser desenvolvida nas próximas aulas (15/20 min)
- Explicação da atividade avaliativa: produção de fanzines sobre músicas interpretadas por Elis Regina (10 min)

Aula 2: Início da atividade avaliativa

- Saudação inicial e organização do espaço em grupos de 6 a 7 estudantes (5 min)
- Início da atividade com a organização dos grupos, distribuição da dobradura em formato de fanzines, conversa/atendimento a cada grupo para alinhar o que será feito e distribuição dos materiais práticos para a confecção. (30 min)
- Organização da sala para o próximo horário e indicação de continuidade da atividade até a próxima aula (5 min)

Aula 3: Apresentação da atividade

- Organização da turma (5 min)
- Apresentação dos grupos para a turma com o resultado do material produzido incluído qual o tema que foi abordado no fanzine (35 min)
- Socialização dos fanzines entre os estudantes para que todos tenham conheçam o que foi produzido pelos colegas de sala. (10 min)

Recursos Didáticos

Voz, quadro, pincel, projetor multimídia, vídeo, letra de música impressa e roteiro para atividade avaliativa

Avaliação

A atividade avaliativa que consiste na produção de um material que una o debate histórico desenvolvido nas aulas e uma exploração da área artística, em correlação ao assunto das aulas. O material que deverá ser produzido é 1 fanzine, que é uma revista em miniatura feita através

de dobradura, por grupo de estudantes com elementos que contemple a discussão realizada nas últimas aulas, podendo ser escolhido as temáticas: Ditadura militar no Brasil, vida e obra de Elis Regina, interpretação coletiva de *O bêbado e a equilibrista* (1979).

A avaliação da professora será focada no cumprimento dos requisitos de boa colocação do conteúdo no material, envolvimento dos alunos nas decisões do grupo, participação na confecção e apresentação oral do resultado obtido.

Referências

BOSCO, João. BLANC, Aldir. **O bêbado e a equilibrista**. Intérprete: Elis Regina. *In*: Elis, essa mulher [Essa mulher]. Rio de Janeiro: EMI – Odeon, 1979. 1 fonograma (3min 45s)

DAVID, Maria Célia. **Música e ensino de história: uma proposta**. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/46189/1/01d21t06.pdf>

FERREIRA, Carolina. **João Bosco recorda com compôs “O Bêbado e a Equilibrista”** *CNN Brasil*: São Paulo, 19 jan 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/pop/musica/joao-bosco-recorda-como-compos-o-bebado-e-a-equilibrista/>

MARQUES, José Reinaldo. **Entrevista – Aldir Blanc**. Associação Brasileira de Imprensa (ABI Online): Rio de Janeiro, 14 nov 2007. Disponível em: <https://www.abi.org.br/entrevista-aldir-blanc/>

MUSICALIDADE. **Elis Regina – O Bêbado e a Equilibrista (Ao Vivo Fantástico 1982)**. *YouTube*, 8 nov 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iSDFEz2rWHg>

NAPOLITANO, Marcos. *A MPB sob suspeita: a censura musical visto pela ótica dos serviços de vigilância política (1968-1981)*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a05v2447.pdf>

SANTOS, Rosana Menezes. O uso da música na prática de ensino de história. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - SERGIPE**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 161–171, 2014. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/1687>

Anexos

Material didático produzido. Disponível em: <https://canva.link/qezoa5v0m3xy5kz>

Atividade avaliativa: Guia de confecção

Escola Estadual Doutor Duarte Pimentel de Ulhôa
Professora(o):

9º ano - Ensino Fundamental

01 O que é Fanzine?



Fanzine é:

Uma abreviação do termo "*Fanatic magazine*" que é uma publicação independente e artesanal.



Proposta da atividade avaliativa:

Apresentar os conhecimentos adquiridos nas aulas de História sobre Elis Regina: artista que lutou pela Anistia e fim de Ditadura Militar



Formato do Zine:



02 Explicação das etapas + Indicação de conteúdo

• Os fanzines serão feitos 1 por grupo no horário de aula para serem terminados no extraclasses;

• Os modelos ficarão livres para decisão de cada grupo, assim como a temática, a estética e aparência do material;

• É obrigatório ter um "toque criativo" para que seu fanzine seja bem avaliado no final do processo!

• A apresentação da produção é obrigatória a todos os grupos, mas não é necessária que todos se apresentem!

Temática:

Ditadura Militar no Brasil: panoramas gerais relacionados à produção artística do período

Elis Regina; personalidade da MPB

O bêbado e a equilibrista (1979): letra analisada coletivamente

Sugestão de conteúdo:

Contextualização do período, ações de impacto direto, censura e repressão, exílio e exilados, etc.

Surgimento no ramo musical, trajetória pública, obras famosas, eventos mais importantes, etc.

Análise crítica da música realizada pelo grupo, trechos mais emblemáticos, referências, etc.

Bloco da Inspiração

Atividade Avaliativa
O bêbado e a equilibrista (1979) por Elis Regina

03 Quadro de referências visuais e estéticas para confecção dos fanzines:



REFERÊNCIAS

Fontes:

BÔSCOLI, Marcello. **Elis e eu / João Marcello Bôscoli**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019

BOSCO, João. BLANC, Aldir. **O bêbado e a equilibrista**. Intérprete: Elis Regina. *In: Elis, essa mulher [Essa mulher]*. Rio de Janeiro: EMI – Odeon, 1979. 1 fonograma (3min 45s)

BOSCO, João. **João Bosco – O Bêbado E A Equilibrista (Ao Vivo)**. 2006, Youtube, 2 out. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J07Mr2rkWT8>. Acesso em: 22 mai 2026

MUSICALIDADE. **Elis Regina – O Bêbado e a Equilibrista (Ao Vivo Fantástico 1982)**. *YouTube*, 8 nov 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iSDFEz2rWHg>

Bibliografia:

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. WEISS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. *In: História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 339. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Almeida_MHBT_1046612_CarroZeroEPauDeArara.pdf

AMORIM, Gusmão Freitas. **O positivismo, a educação e a história ensinada**. Aracaju: Educon, v. 10, n. 01, set 2016. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/8969/30/O_positivismo_a_educacao_e_a_historia_ensinada.pdf

A queda do viaduto Paulo de Frontim. Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg), 2024. Disponível em: https://bnweb-cedom.cnseg.org.br/bnweb/upload/pasta2/acervo18767/18767_74250.pdf

BARBOSA, M. F. S. **Percepção musical como compreensão da obra musical: contribuições a partir da perspectiva histórico-cultural**. 164p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Pulo, 2009.

Betinho. Memórias da Ditadura: São Paulo. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/betinho/>

BRASIL. **Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979**. Concede anistia e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [1979]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** / Peter Burke; tradução Sérgio Goes de Paula; [tradução das atualizações Maria Luiza X. de A. Borges]. – 3ª ed. ver. e ampl. – Rio de Janeiro: Zahar, 2021

CARNEIRO, Raquel. **O dia em que Elis Regina ajudou Rita Lee na cadeia**. Veja: [S. l.] 9 mai 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/o-som-e-a-furia/o-dia-em-que-elis-regina-ajudou-rita-lee-na-cadeia/>

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e Nação na Propaganda do “Milagre Econômico”**. Revista Brasileira de História: São Paulo, v. 22, n. 43, 2002, pp. 195 – 224. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/qbC8MGQQ6rW8Q8ZWJXp45Nw/?format=pdf&lang=pt>
<https://doi.org/10.1590/S0102-01882002000100011>

Comissão de Anistia (Brasil). **Marcas da memória: história da anistia no Brasil** / Organizadores: Antonio T. Montenegro, Carla S. Rodeghero, Maria Paula Araújo. – Recife: Ed. Universitária de UFPE, 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/comissao-de-anistia/anexos/historia-oral-miolo.pdf>

CRESTANI, Leandro de Araújo. O surgimento do inimigo interno: Ditadura Militar no Brasil (1964 a 1985). **Revista Eletrônica História em Reflexão**, [S. l.], v. 5, n. 9, 2011. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/1157>

DAVID, Maria Célia. **Música e ensino de história: uma proposta**. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/46189/1/01d21t06.pdf>

ESSINGER, Sílvio. **Aldir Blanc: conheça a história de 'O bêbado e a equilibrista', hino da anistia e um clássico da música brasileira**. O Globo: Rio de Janeiro, 4 mai 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/aldir-blanc-conheca-historia-de-bebado-a-equilibrista-hino-da-anistia-um-classico-da-musica-brasileira-24376127>

FERREIRA, Carolina. **João Bosco recorda com compôs “O Bêbado e a Equilibrista”** *CNN Brasil*: São Paulo, 19 jan 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/pop/musica/joao-bosco-recorda-como-compos-o-bebado-e-a-equilibrista/>

GOMES, Lisandra Ogg. **Infância, participação e socialização**. *Psicol. Conoc. Soc.*, Montevideo, v. 11, n. 1, 2021, p. 135. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-70262021000100085&lng=es&nrm=iso <https://doi.org/10.26864/PCS.v11.n1.6>

HERMANN, Jennifer. **Reformar, Endividamento Externo e o “Milagre” Econômico** (1964 – 1973). In: GREMAUD, Amaury Patrick. VASCONCELOS, Marco Antonio Sandoval de. TONETO JUNIOR, Rudinei. **Economia brasileira contemporânea**. São Paulo: Atlas. Disponível em: <https://home.ufam.edu.br/salomao/Economia%20Brasileira/Texto%203a.pdf>

MARQUES, José Reinaldo. **Entrevista – Aldir Blanc**. Associação Brasileira de Imprensa (ABI Online): Rio de Janeiro, 14 nov 2007. Disponível em: <https://www.abi.org.br/entrevista-aldir-blanc/>

NAPOLITANO, Marcos. **A MPB sob suspeita: a censura musical visto pela ótica dos serviços de vigilância política (1968-1981)**. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, n. 47, 2004, p. 104. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a05v2447.pdf> <https://doi.org/10.1590/S0102-01882004000100005>

RIBEIRO, Alfredo. BORÉM, Fausto. **O corpo e a voz indissociável em três performances de Elis Regina**. XXVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em

Música: Belo Horizonte, 2016. Disponível em:
https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2016/4307/public/4307-14374-1-PB.pdf

SCHROEDER, Sílvia Cordeiro N. **Reflexões sobre o conceito de musicalidade: em busca de novas perspectivas teóricas para a educação musical**. 2005. 225 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1600605>.

SANTOS, Rosana Menezes. O uso da música na prática de ensino de história. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - SERGIPE**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 161–171, 2014. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/1687>